



**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Artes, Humanidades e Letras
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública**



FERNANDO ROQUE SILVA SANTANA

**SABOTAGE: VIOLÊNCIA E DESCASO, 20 ANOS APÓS A MORTE DO MAESTRO
DO CANÃO**

**Cachoeira
Outubro, 2023**

FERNANDO ROQUE SILVA SANTANA

**SABOTAGE: VIOLÊNCIA E DESCASO, 20 ANOS APÓS A MORTE DO MAESTRO
DO CANÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientadora: Prof^a. Dra. Lys Maria Vinhaes Dantas


**Cachoeira
2023**

FERNANDO ROQUE SILVA SANTANA

Sabotage: violência e descaso, 20 anos após a morte do maestro do Canão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnóloga em Gestão Pública.

Aprovado em 31 de outubro de 2023

Documento assinado digitalmente
 **DANIELA ABREU MATOS**
Data: 07/11/2023 16:11:35-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Daniela Abreu Matos
Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente
 **HUDSON WESLEY SILVA E SILVA**
Data: 07/11/2023 09:57:09-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Hudson Wesley Silva e Silva
Tecnólogo em Gestão Pública pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prefeitura Municipal de Castro Alves

Documento assinado digitalmente
 **LYS MARIA VINHAES DANTAS**
Data: 01/11/2023 14:28:11-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Lys Maria Vinhaes Dantas
Professora orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Sabotage: violência e descaso, 20 anos após a morte do maestro do Canção. 38 páginas , 2023. Monografia – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2023

RESUMO

O tema abordado no TCC é uma análise do cenário da periferia brasileira, com foco nas letras dos rappers Sabotage e Djonga, abrangendo os principais problemas denunciados pelos artistas nesse contexto. Além disso, o estudo tem, como objetivo, oferecer ao público narrativas que se propõem a explicar a sociedade e demonstrar as diferenças, na situação periférica, em 20 anos, baseando-se na composição artística de dois expoentes do RAP. A abordagem da pesquisa é qualitativa, envolvendo uma leitura sistemática e comparativa das letras de Sabotage e Djonga. Como resultado desta pesquisa, foi identificado que os artistas da periferia brasileira, como Sabotage e Djonga, utilizam sua música como uma ferramenta de denúncia social, expondo as condições precárias e a violência que permeiam suas comunidades. Suas narrativas oferecem uma visão crua da realidade e servem como uma forma de resistência e expressão, embora com temas diferentes. Além disso, conclui-se que a obra de Sabotage, mesmo após 20 anos de sua morte, continua sendo relevante e impactante, refletindo a persistência dos problemas sociais que ele denunciou em suas letras. Com base nas análises realizadas, as conclusões do TCC ressaltam a relevância da música como forma de expressão e denúncia, bem como a importância de considerar a periferia como um contexto rico em questões sociais e culturais a serem exploradas. Este trabalho contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais da periferia brasileira, destacando o legado e a influência de artistas como Sabotage.

Palavras-chave: políticas sociais; segurança pública; RAP

LISTA DE SIGLAS

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

RAP – Rhythm and poetry

TCC – Trabalho de conclusão de curso

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Panorama geral das letras de música analisadas, 2023 12

Quadro 2: Temas das músicas de Sabotage escolhidas para a pesquisa 17

Quadro 3: Temas das músicas de Djonga escolhidas para a pesquisa 22

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Método.....	11
3. Periferia é periferia aqui e lá.....	13
4. Sabotage, violência e descaso.....	17
5. Djonga	21
6. O rap e a periferia: 20 anos depois	27
7. Considerações Finais	34
8. Referências.....	35

1. INTRODUÇÃO

Mauro Mateus dos Santos, ou simplesmente Sabotage, como ficou popularmente conhecido, foi um rapper nascido na periferia de São Paulo em 03 de abril de 1973. Reflexo do ambiente no qual nasceu e cresceu e o qual descreveu em suas letras, Sabotage viveu entre os shows, cinema, programas de TV, enquanto ainda morava na favela. A voz de uma geração na cultura das ruas, o nome que foi um divisor de águas para o movimento Hip Hop brasileiro representou, até o seu último suspiro, a vida do homem negro periférico. Foi assassinado a tiros, enquanto levava sua esposa para o ponto de ônibus. O cantor, que era uma estrela em ascensão, morreu como homem comum, vítima da violência e do descaso os quais eram tema e motivo de revolta em suas letras (FERREIRA, 2015).

É importante mencionar que o RAP (rhythm and poetry) brasileiro pode ser dividido em gerações. Conforme Santos (2021) a primeira geração do RAP brasileiro é formada por Racionais Mc's, Rota de Colisão, Detentos do RAP, Pavilhão 9, Sabotage, para quem o descaso e violência na periferia são o tema central, ou seja, os aspectos sociais são incisivos em suas letras. Já a segunda geração do RAP nacional é composta por rappers como Emicida, Djonga, Rashid, Projota, GOG, Criolo, Baco Exu do Blues, sendo marcada por aspectos mais tecnológicos como a internet, maior escolaridade do povo negro e maior acesso à informação. Essa nova geração trouxe mudanças significativas na composição do RAP atual e trouxe também consigo temáticas voltadas para a possibilidade de volta por cima da comunidade periférica. Mais recentemente, é observada (e consumida) uma pluralidade de subgêneros, como “o rap indígena, o rap gospel, o rap ostentação, o rap feito por mulheres e aquele que segue assumindo uma posição revolucionária, como o do grupo Fação Central” (Terperman, 2015, p. 41). A questão do RAP como produto de consumo no mercado pode ser observada, por exemplo, em Terperman (2015) que, por outro lado, enfatiza também a radicalização do gênero.

Como dito no documentário “Sabotage: Maestro do Canção” (2015), no dia 24 de janeiro de 2003, o fatídico dia do seu assassinato, Sabotage foi mais um que virou estatística, mais uma pessoa negra morta violentamente. Entretanto, nessas duas décadas após sua morte, o legado de Sabotage aumentou e foi passado para as gerações seguintes. Nesse período, o RAP ocupou espaços e, hoje, movimentando grandes montantes de dinheiro. Um

artista, com a fama que o maestro do Canção tinha, hoje poderia se dar ao luxo de não morar mais na favela, ter carros blindados e segurança particular, porém essa não é e continua não sendo a realidade do povo que vive na periferia.

Qualquer que seja o posicionamento, é inegável que as produções do Hip Hop começaram a dar a grupos marginalizados a oportunidade de expressar seus próprios valores, rejeitando o estabelecimento social e marcando o início do processo hip hop no Brasil. As favelas de São Paulo e de todo o país sempre foram vistas (pelos olhos das instituições e da classe média) como um lugar de desordem, uma área de pobres e um lugar onde existe exclusão social. No nível da representação social, os favelados não pertencem apenas ao mundo dos pobres, mas também ao mundo dos problemas sociais (PASTERNAK, 2002).

Ainda

o cotidiano de crianças e adolescentes que nascem e crescem em periferias metropolitanas tem sido abordado como conteúdo necessário para elucidar aspectos específicos na dinâmica da pobreza urbana (CHRISTIAENSEN e SUBBARAO, 2004). Essa dinâmica da pobreza, projetada em locais singulares como são as grandes periferias metropolitanas no Brasil, revela um dia a dia repleto de riscos e vulnerabilidades (FREITAS e BICCAS, 2009; SUMNER, 2010 apud DE FREITAS e DE MECENA, 2012 p. 1)

Em 2019, o IBGE estimou que existiam 13.151 aglomerados subnormais (ocupações irregulares de terrenos de propriedade alheia, sejam públicos ou privados, para habitação urbana, com padrão urbanístico irregular e carência de serviços públicos) em 734 municípios brasileiros, totalizando 5,1 milhões (7,8%) de domicílios espalhados por todo o Brasil. Para o Censo 2022, dados preliminares, com o censo ainda em campo, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em março, revelam que o Brasil possui 11.403 áreas conhecidas como favelas, onde residem cerca de 16 milhões de indivíduos, distribuídos em um total de 6,6 milhões de residências. Esses dados indicam um aumento de cerca de 40% no número de brasileiros vivendo em favelas ao longo dos últimos 12 anos. No Censo Demográfico de 2010, foram registrados 11.426 milhões de habitantes no país na ocasião (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2019).

De acordo com a PNAD, a distribuição regional dos serviços de saneamento nesses espaços é muito desigual. Na região Norte, apenas 23,6% dos domicílios urbanos possuem três desses serviços básicos: conexão à rede de esgoto, coleta de lixo e água encanada, enquanto na região Sudeste essa proporção chega a 93,1%. Os três estados brasileiros com menor proporção de domicílios urbanos atendidos por conexão à rede de esgoto, coleta de

lixo e água encanada são Amapá (3,7%), Piauí (11,9%) e Rondônia (13,2%). Com mais acesso a estes serviços estão São Paulo (94,8%), Distrito Federal (90,4%) e Minas Gerais (89,7%). (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2023).

Como dito por Milton Santos (1997), os espaços atendem aos interesses dos atores hegemônicos da economia e da política.

Os espaços [...] requalificados atendem, sobretudo, aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico científico-informacional é a cara geográfica da globalização (SANTOS, 1997 p. 191).

Avaliando as condições do espaço, podemos notar que há um ponto em comum em toda e qualquer comunidade periférica no mundo: a pobreza e a falta de políticas públicas e, na contramão, a resistência e a solidariedade. Neste contexto, **nosso intuito está em compreender as mazelas sociais nas periferias brasileiras nos últimos 20 anos, tendo o RAP como base de estudo**. Para isso, analisamos as letras de Sabotage (primeira geração) e letras do Rapper brasileiro Gustavo Pereira Marques, mais conhecido como Djonga (segunda geração). Este mineiro, nascido em 04 de junho de 1994, utiliza suas letras conscientes, rimando em batidas atuais, conquistando toda uma nova geração e retornando a cultura do RAP às suas origens, expressão cultural do protesto. O rapper também é reconhecido por sua habilidade lírica e por explorar diferentes estilos musicais, além de suas colaborações com outros artistas. Suas letras frequentemente abordam temas como desigualdade social, racismo e as experiências da população negra no Brasil, fato o qual o liga diretamente a Sabotage: mesmo vivendo em épocas diferentes, as realidades refletidas nas letras de ambos reverberam no mesmo sentido, fato que levou a escolha de suas letras para análise.

O RAP não apenas reflete as mazelas sociais, mas também apresenta possibilidades de transformação. Muitos artistas utilizam o RAP como ferramenta de empoderamento, mobilização e resistência. Explorar como o RAP pode ser uma força positiva para soluções e mudanças sociais pode trazer contribuições valiosas para a academia e para a sociedade em geral. Por conta disso, o tema do presente trabalho foi escolhido, no qual **analiso as mudanças na situação periférica nesses últimos 20 anos, observando os avanços e retrocessos nessas comunidades**, usando as denúncias apresentadas nas letras do rapper Sabotage, comparando-as por meio de uma leitura sistemática com as letras do rapper Djonga. Como objetivos específicos, o trabalho teve: a) Compreender os principais problemas denunciados

pelos artistas no cenário da periferia brasileira; b) Expor como alguns rappers oferecem a seu público narrativas que se propõem a dar conta de explicar a sociedade; e c) Explicitar o RAP como força de denúncia social e resistência.

“O RAP tem conquistado um incontestável campo de atuação que modifica material e simbolicamente o seu lugar social, expressando a experiência dos que estiveram ou estão à margem da sociedade” (SANTOS, 2017, p. 3). O presente trabalho se justifica nas relações diretas entre a realidade e as letras de RAP, nas quais são descritos as transformações sociais, os arranjos urbanos, as relações das pessoas com outras pessoas e os espaços, os sentimentos, o cotidiano, bem como a desigualdade no acesso aos serviços públicos.

Neste contexto, foi dada uma atenção maior para a análise de RAPs que possuem um caráter mais ideológico, podendo ser considerados como uma ferramenta de manifestação política que fortalece as críticas ao governo, no que diz respeito aos serviços públicos.

Uma vez que a Gestão Pública é definida como a administração voltada para o bem-estar coletivo, abrangendo áreas como educação, saúde, moradia, trabalho e redução das desigualdades sociais, os gestores públicos são responsáveis por gerenciar os recursos de forma eficiente, para assegurar tal bem-estar. Por sua vez, o RAP desde seus primórdios sempre se mostrou político, como um porta voz dos anseios da sociedade o qual expressa todas as suas insatisfações, podendo ser entendido como um movimento social ou como ferramenta para movimentos sociais. Assim, o presente trabalho se apresenta como uma importante ferramenta para a compreensão de pautas de interesse da população enquanto coletivo, visto que a gestão pública analisa a configuração da sociedade e busca formas de melhorá-la através de políticas públicas.

O artigo está dividido em tópicos: possui introdução com uma breve exposição do tema. Na seção 2, relata o método adotado e, após, segue abordando a periferia e como a ascensão do RAP e as letras de RAP se mostram ativas perante a luta por melhores condições nestes espaços. Na sequência, o texto aprofunda uma reflexão a partir das letras de Sabotage e de Djonga. Por último, há as considerações finais e referências bibliográficas.

2. MÉTODO

A abordagem da pesquisa aqui apresentada é do tipo qualitativa, pois a análise dos dados se deu de forma subjetiva, visto que a análise foi feita com base em material bibliográfico e documental (as letras de RAP são os documentos).

Para delimitar o objeto de estudo, foi realizada uma leitura sistemática e comparativa, com foco nas letras do rapper Sabotage e do rapper Djonga. Essa escolha baseou-se na relevância e representatividade desses artistas no cenário do RAP brasileiro. Também foram identificadas as fontes de pesquisa que continham as letras de Sabotage e Djonga. Isso incluiu álbuns, mixtapes, sites oficiais de artistas, plataformas de streaming de música e bancos de dados de música.

Primeiramente foi realizada uma triagem para selecionar as letras das músicas analisadas. Foram consideradas músicas autorais dos artistas selecionados, excluindo remixes, participações e samples de outros artistas. As letras das músicas selecionadas foram lidas e analisadas com base em variados autores que as pesquisaram. Foram identificados elementos como crítica social e abordagem de questões políticas. Os autores das letras pré-selecionadas foram estudados no que diz respeito a características como: tempo de existência, importância da produção artística e reconhecimento no cenário do RAP. Para essa tarefa utilizaram-se como bases de dados o Google acadêmico e o Portal de Periódicos CAPES, a partir dos quais foram selecionados artigos e dissertações, bem como *sites da internet*, como por exemplo: Portal Redbull, Monkeybuzz, Plano crítico, Música Instantânea, Persona Unesp.

Os dados obtidos das letras foram organizados de forma sistemática. Padrões e tendências foram identificados nas letras de Sabotage e Djonga, incluindo a análise de temas recorrentes.

Os resultados obtidos foram discutidos e interpretados à luz do contexto sociocultural e histórico do RAP brasileiro. Foram exploradas as possíveis influências e contribuições de artistas na música e na sociedade, bem como suas mensagens e posições. Por fim, foi feita uma síntese dos principais achados comparativos dos textos de Sabotage e Djonga. Foi destacada a importância desses artistas no cenário do RAP brasileiro, bem como possíveis

contribuições para a reflexão de questões sociais, políticas, culturais e as mudanças ou não, nesses 20 anos após a morte de Sabotage.

No total, foram analisadas 3 letras de cada rapper selecionado, sendo: Sabotage - "Um Bom Lugar", "Respeito é Pra Quem Tem", "Cocaína" e Djonga - "Ladrão", "Junho de 94", "Procuo Alguém", conforme Quadro 01.

Quadro 1: Panorama geral das letras de música analisadas, 2023

Música	Autores	Lançamento	Gravação	Duração	Gravadora
Um Bom Lugar	Sabotage e Black Alien	2001	1998-2000	5:05	Cosa Nostra
Cocaína	Sabotage e SNJ	2001	1998-2000	4:58	Cosa Nostra
Respeito é Pra Quem Tem	Sabotage, DBS Gordão Chefe e RZO	2001	1998-2000	5:29	Cosa Nostra
Ladrão	Djonga	2019	2018-2019	4:33	Ceia Ent.
Junho de 94	Djonga	2018	2017-2018	5:29	Ceia Ent.
Procuo Alguém	Djonga	2020	2019-2020	3:33	Ceia Ent.

Fontes: o autor, com base nos álbuns dos artistas

3. PERIFERIA É PERIFERIA AQUI E LÁ

O termo periferia é complexo. Este pode ser interpretado desde o sentido relacionado à geometria até o sentido figurado em que a palavra pode ser empregada. O dicionário Michaelis de Língua Portuguesa (2014) define periferia como “linha que determina o contorno de uma figura curvilínea”, “linha que delimita qualquer corpo ou superfície” e “a parte não essencial ou fundamental de um assunto em questão”. Percebe-se que essa concepção expressa o modo como o poder público enxerga a periferia, como sendo a região do distanciamento, da exclusão, da segregação, onde vive a população marginalizada (JESUS, 2021).

No contexto brasileiro, o termo periferia é proveniente do processo de metropolização dos anos 1960-70. Em São Paulo, pensadores começaram a chamar de "periferia" áreas geográficas cujas principais características eram: carência, falta de recursos e distância em relação ao centro da cidade. Desde então, o termo tem sido usado para designar loteamentos clandestinos, ou favelas localizadas em áreas mais centrais, onde vive uma população de baixa renda (D'ANDREA, 2020).

A expansão das metrópoles brasileiras contribuiu para o processo de segregação social do espaço. Como exemplo podemos citar a cidade de São Paulo, a partir da qual o padrão de urbanização se reproduziu em outras localidades. Consistiu no povoamento de áreas que ainda não eram ocupadas e na criação de novos bairros destinados à classe trabalhadora. Classe essa que detinha diversos problemas habitacionais, tais como a ineficiente gestão e controle de qualidade da água, a inexistência de esgotamento sanitário, não contavam com ruas calçadas e a falta de habitações de aluguel baixo (BONDUKI, 1994).

Matos (2005, p. 101) afirma que “a periferização expressa diferentes contextos socioespaciais, principalmente situações econômicas e demográficas de países pobres ou em desenvolvimento”. O conceito da periferização se aplica ao espaço onde está o centro econômico de poder, enquanto do lado contrário estaria a periferia. Assim, o que se tem é uma perpetuação das desigualdades sociais e econômicas.

Já Pasternak (2002) aborda a segregação socioespacial presente nas favelas e as desigualdades que permeiam essas áreas urbanas. Discute a falta de políticas públicas adequadas, a violência, a falta de acesso a serviços básicos e a falta de oportunidades

socioeconômicas que afetam os moradores das favelas, no livro “Espaço e População nas Favelas de São Paulo”, escrito e publicado em 2002, demonstrando o descaso do poder público para com a população periférica, a falta de políticas públicas ou a ineficácia das mesmas.

Segundo Corrêa (1989), no Brasil, em municípios menores que se desenvolveram fora do ciclo de industrialização, o crescimento urbano se dá de modo mais lento, entretanto reproduz as desigualdades observadas nos grandes centros urbanos, surgindo assim as periferias também nas pequenas cidades. Diante disso, D’Andrea (2020) afirma que, a partir dos anos 90, o conceito de periferia passou a ser entendido e dividido por três vieses: pela academia, pela indústria do entretenimento e pelos próprios moradores da periferia, que seguiram ressignificando o termo.

A violência e descaso, bem como as demais dificuldades enfrentadas por essa parte da população, conferiram à periferia visibilidade e abrangência, pois a população periférica passou a expressar em tom de denúncia às condições sociais vivenciadas (D’ANDREA, 2020).

No seminário *Estéticas da periferia*, no ano de 2011, o rapper GOG (Genival Oliveira Gonçalves) afirmou: “*periferia é periferia em qualquer lugar* porque é uma essência única” (D’ANDREA, 2020 p. 5). Tal afirmação unificou uma parcela da população, mesmo essa possuindo diferenças internas. Utilizando o mesmo conceito, em seu disco *Sobrevivendo no Inferno*, Racionais Mc’s cantam que “*periferia é periferia em qualquer lugar*”, fortalecendo a ideia de a população periférica estar reunida por aspectos comuns: exclusão, violência e descaso (DE ANDRADE, 1999). Além disso, a periferia também se caracteriza pela capacidade de solidariedade, reinvenção e resistência (como ficou explícito, por exemplo, durante a epidemia de COVID, segundo Alfonsi, Berni e Pereira, 2020), mas esses aspectos não foram elementos de estudo.

A noção de que periferia é periferia em qualquer lugar também pode ser explorada tendo como referência as ideias de Milton Santos, o geógrafo brasileiro que foi um dos principais pensadores que se debruçaram sobre a questão do local versus o global, trazendo uma contribuição significativa para a compreensão da dinâmica espacial e social das áreas periféricas. “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” de Milton Santos,

publicado em 1997, é uma obra de referência importante para compreender a relação entre espaço geográfico, técnicas, tempo, razão e emoção.

Nesta obra, Milton Santos explora o conceito de espaço geográfico como resultado da junção entre sociedade e natureza. Ele argumenta que o espaço não é apenas um cenário neutro, mas sim um espaço vivido, construído e transformado pelas práticas sociais, religiosas, políticas e culturais. Em “O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise”, publicado nos Cadernos IPPUR em 1999, Santos discute como o território é um espaço socialmente construído e como diferentes atores sociais disputam o controle e o poder sobre ele. Ele enfatiza que o território não é apenas uma delimitação geográfica, mas um espaço de relações sociais, onde diferentes grupos constroem identidades, exercem poder e estabelecem suas práticas cotidianas. Vivendo em situação periférica, as mazelas e as aflições são compartilhadas, independente da região. Seja em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, as regiões periféricas tendem a sofrer com a violência, a falta de infraestrutura e etc.

Portanto, a escassez e muitas vezes a ausência de políticas públicas de educação, saúde, saneamento, aliadas aos altos índices de desemprego, tornam a periferia um espaço de pobreza e marginalidade. Neste cenário, a violência, “desigualdade social, racismo e criminalidade são temas que informam outros grupos e artistas, configurando o RAP como uma manifestação cultural da periferia” (BERTELLI, 2012, p. 1).

O RAP, surgido no final do século XX, é um fenômeno originado dentro do movimento cultural hip-hop e está intrinsecamente ligado ao discurso social e político. Sua presença não se limita ao Brasil, mas abrange diversos países ao redor do mundo. O hip-hop emerge das periferias, onde o poder público frequentemente demonstra descaso e omissão para com essas comunidades. Não é coincidência que essas periferias sejam majoritariamente habitadas por pessoas negras, o que gerou perspectivas influenciadas pelas desigualdades sociais e raciais presentes nestes espaços. O Brasil não foge a essa realidade, e desde a década de 1980 até as produções mais recentes, a crítica política se torna um dos elementos essenciais do RAP nacional (DE SOUZA e DA SILVA, 2020).

Oliveira (2016) explana em seu estudo que o RAP tem se tornado um documento interessante, capaz de imprimir novas perspectivas às análises históricas e sociais do Brasil, tanto o atual quanto o de anos atrás, tendo os rappers como verdadeiros informantes.

Segundo o autor, com suas músicas, os rappers enquadram a vida social, sendo considerados agentes históricos ao relatar em suas letras experiências de vida, lazer, moradia, uso do espaço público, lutas por direitos, distribuição de renda, sentimentos e valores. A vista disso, uma letra de RAP de Sabotage, criada na comunidade de São Paulo, 20 anos atrás, influenciou uma nova geração. Djonga, em particular, já mencionou em entrevistas e em suas músicas a importância de Sabotage como uma influência. Ele reconhece a contribuição de Sabotage para a construção da identidade do rap brasileiro e como sua música inspirou uma nova geração de artistas a abordar temas significativos em suas composições. É essencial notar que as influências podem variar entre os artistas, e cada um interpreta e incorpora essas influências de maneira única.

A influência das letras e o resgate das origens do RAP também são temas abordados por Nascimento, no texto *Da ponte pra cá: Os territórios minados dos Racionais MC's*, de 2006. Neste texto, também é abordado o RAP como expressão cultural do protesto e como forma de representar as mazelas sociais, um dos motivos pelo qual o tema deste TCC foi escolhido. A importância de Sabotage e Djonga reside no impacto cultural duradouro que têm na vida de jovens negros. Eles não apenas contam histórias, mas fornecem um espelho para experiências muitas vezes marginalizadas. Ao fazer isso, fortalecem a autoestima e a identidade, lembrando-nos da riqueza da cultura afro-brasileira e da capacidade transformadora da música como uma forma de resistência e celebração.

Em resumo, Sabotage e Djonga são pilares no panorama do rap brasileiro, oferecendo vozes poderosas que ecoam as experiências da juventude negra. Eles desempenham um papel vital na construção de uma narrativa mais inclusiva e na promoção de uma representação autêntica, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e consciente, como jovem negro, impactado pela obra desses artistas, fez a escolha deste tema se tornar real.

4. SABOTAGE, VIOLÊNCIA E DESCASO

Sabotage foi uma das grandes vozes do RAP nacional, silenciada após ser assassinado perto de casa no bairro da Saúde, Zona Sul de São Paulo, em janeiro de 2003. O rapper brasileiro se destacou nacionalmente no âmbito artístico como rapper e ator. Também recebeu diversos prêmios de revelação no cenário musical e atuou no filme “Carandiru”, o qual também apresenta um de seus RAPs na trilha sonora. Suas composições abordam as dificuldades enfrentadas pela população pobre e periférica para viver dignamente no Brasil (GUEDES, 2020).

O “maestro do Canção”, apelido atribuído a Sabotage, pois o mesmo é tido como maestro devido ao seu talento musical, e Canção é a comunidade onde ele cresceu, emergiu no cenário nacional como um dos maiores artistas da música brasileira no início dos anos 2000 e muitas de suas músicas são consideradas hinos para os jovens das periferias até os dias de hoje.

O álbum “RAP é Compromisso”, lançado em 2000, elevou o rapper a um rápido sucesso que logo foi interrompido com seu assassinato em 2003. Sabotage deixou eternizadas músicas como “RAP é compromisso”, “Um bom lugar”, “Respeito é pra quem tem” e “Cocaína” que ainda são referência em todo o Brasil. De acordo com De Souza (2021), Sabotage, com o mencionado álbum, tinha o intuito de dizer que o movimento RAP tinha e tem um compromisso, o qual seria o compromisso de denunciar as desigualdades e o racismo no Brasil.

Diante do breve resumo sobre a influência de Sabotage, o material a ser analisado e discutido neste tópico consiste em três músicas dispostas em um álbum do rapper paulista. Conforme demonstrado no Quadro 02, as letras possuem como abordagem temática sua trajetória vivendo na periferia e as dificuldades encontradas por ele.

Quadro 2: Temas das músicas de Sabotage escolhidas para a pesquisa

Música	Álbum	Ano	Características
Um bom lugar	Rap é compromisso	2000	Reflexões pessoais, reafirmação da sua identidade.
Respeito é pra quem tem	Rap é compromisso	2000	Crítica social
Cocaína	Rap é compromisso	2000	Reflexões pessoais, cotidiano na periferia.

Fonte: elaboração própria

A faixa “Um bom lugar” tem como objeto principal o cotidiano de um morador da favela. Além disso, apresenta aspectos de temporalidade e se torna um meio de resistência e de voz da periferia

É ser sobrevivente/ E nunca ser fã de canalha/ A luta nunca vale a experiência/ É Santo Amaro a Pirituba o pobre sofre, mas vive/ A chave é ter sempre resposta àquele que inflige/ A lei na blitz, pobre tratado como um cafajeste/ Nem sempre polícia aqui respeita alguém/ Em casa invade, a soco ou fala baixo ou você sabe/ Maldade, uma mentira deles, dez verdades (UM BOM LUGAR, 2000).

O rapper canta e no decorrer da letra entende-se que está andando pelas ruas da favela, falando com as pessoas do lugar. A música fala sobre ser possível transformar os espaços das periferias em um bom lugar (BENTES, 2002).

Um bom lugar/ Se constrói com humildade, é bom lembrar/ Aqui é o mano Sabotage/ Vou seguir sem pilantragem [...] Tem que ter fé aqui, sim, tem que insistir/ Humilde, só assim para progredir enfim/ Quero juntar-se com os manos/ E protestar o preconceito daquele jeito/ Eu sei que vou traçar os planos/ Cantar pras minas e os manos/ Eu não me escondo, eu me emociono (UM BOM LUGAR, 2000).

Bentes (2002) analisa ainda o videoclipe da faixa em questão. Segundo a autora, a performance de Sabotage remete ao seu local de origem, reforçando a sua identidade étnica e social: “Seu andar pela favela, sua vivência nela, sua intimidade com o lugar ajuda a reforçar a identidade social do rapper construída no/pelo videoclipe”.

Ainda no álbum “RAP é compromisso”, a faixa “Respeito é pra quem tem” explora a temática da realidade de se viver nas favelas do Brasil. A letra reflete as experiências e lutas enfrentadas pelo rapper.

Sou da favela 'tou aqui, Sabotage/ Tem certos lugar, ligeiro criminalidade/ Eu tô de pé, bum, não arrisco o pescoço, é/ Da desgosto porque aqui não tem socorro” (RESPEITO É PRA QUEM TEM, 2000).

Os versos seguem narrando o seu proceder pelos caminhos das suas quebradas. Entende-se que a voz do respeito muda de lugar, como se em vez de alguém com certa autoridade sobre você dizendo o que deve ser ou não respeitado, valorizando sempre a hierarquia social, temos um indivíduo produzindo uma presença, sendo visível, se autodeclarando respeito junto com toda a história que carrega.

Cabra da peste aos dezessete ou dá ou desce/ Ficou no encanado comento o fato até hoje relato/ Com Nonato, um mano sujeito e bem conceituado/ De boa já tô sempre moringando e sei que vou além/ Paz fraternidade sem tirar ninguém, mas pode ter certeza/ Respeito é pra quem tem, pra quem tem, pra quem tem/ Respeito é pra quem tem.../(Brooklin meu filho quase tem criminalidade) Respeito é pra quem tem.../ (Meus truta curte RAP é o som) Respeito é pra quem tem.../ (Escuta, pois

Deus dá o tom) Respeito é pra quem tem.../ Tem que ser pra vencer merecer, guerreiro de verdade (RESPEITO É PRA QUEM TEM, 2000).

No álbum também pode-se identificar a reivindicação de direitos humanos: civis, políticos e sociais, bem como na letra da música em questão. Podemos identificar: a denúncia da miséria em que vivem as populações periféricas, a violência contra essas populações, incluindo a policial, a corrupção policial e o racismo existente na sociedade.

Tá cruel, Deus do céu/ Gosto do féu, não é doce como mel/ Eu vejo um carro desenvolve a mil e sai/ Pelo o que fez os homens vão atrás/ Pôr a mão no fogo pela lei? não, jamais, sistema cão/ Mandou meu irmão e vários pro jaz (RESPEITO É PRA QUEM TEM, 2000).

Já em “Cocaína” tem-se uma reflexão sobre o impacto negativo das drogas, especialmente a cocaína, na vida das pessoas e na sociedade como um todo. A faixa começa com um questionamento: o porquê das pessoas se envolverem com drogas. Sabotage faz uma crítica social quando aborda a seguinte situação: por que a polícia não combate o tráfico de drogas com a mesma intensidade que combate o roubo e o furto?, apontando para o papel do poder público na perpetuação do problema.

No quesito criminal 'tá em estado final/ Mas eu não falo pelas costas/ No sapatinho é minha proposta, fecha porta/ De a volta não mosca/ Minha rima força causou revolta/ Pode crer aí ladrão, agora só destroça/ Eu deixo um salve pros manos das ruas da sul/ Do Brooklin da Femelin, do Anhangabaú/ Da Catarina espriada, Itapevi, Fundão, Caracas/ Barueri, Jardim Peri é logo ali/ São vários jogo de baralho marcado/ É foda, é ver meus manos nesse estado/ Irmãos que desandaram, viajaram não ficaram lúcidos/ Chupando manga só o pó sujo/ Imundo é foda essa parada/ Sujeito a tudo ou nada/ Só fita furada, 'tá devendo e nunca paga/ Em outras áreas recebe o nome de canalha/ Irmão se for parar então que faça já/ Porque vários já morreram, foram em cana, enfim/ Não quero isso pra eles e nem quero pra mim (COCAÍNA, 2000).

Silva e Soares (2004) dizem, acerca da faixa, que a letra parece classificar como drogas "leves": maconha e o álcool e drogas "pesadas": crack e cocaína. Ocorrendo também uma ambiguidade em relação ao álcool podendo ser considerado destrutivo ou socializador.

Mesmo estando ausente haverá sempre quem critique (há)/ Cerveja (uísque), um trago (um isqueiro) / Os manifestos maléficos o homem é o próprio fim/ A química é o demo e quer então nos destruir [...] Então prefiro sim um fininho ao que me diz/ Do que a pedra no cachimbo e o pó no nariz/ Afinal é tipo assim, pretendo usufruir/ Já vi vários lutarem contra o vício e conseguir (COCAÍNA, 2000).

É possível identificar na música a violência que acompanha o tráfico de drogas e a falta de perspectivas que muitas pessoas têm na vida, há a reflexão sobre como a cocaína é um mal que atinge a periferia, destruindo sonhos e famílias.

Diante do apresentado, vale salientar que o RAP de Sabotage ainda tem a função de narrar os problemas pertinentes à vida do morador de periferia. Há 20 anos, Mauro Mateus dos Santos saía do anonimato para levar sua música ao Brasil, mostrando de uma vez por todas que o RAP é Compromisso.

5. DJONGA

Gustavo Pereira Marques, mais famoso como Djonga, é um destaque da nova geração do RAP Nacional. O rapper nasceu e morou boa parte de sua vida na favela do Índio em Belo Horizonte - MG. Foi profundamente influenciado por artistas como Sabotage, Racionais Mc's e MV Bill. Essa influência despertou seu interesse pelo RAP e o levou a começar a compor suas próprias letras (DORNELAS, 2017).

Deu seus primeiros passos na arte através de participações em saraus de poesia. Nestes eventos, Djonga costumava criticar a difícil situação das comunidades. Cannavô (2021) afirma que o público e os organizadores desses eventos achavam que Gustavo tinha talento e a partir disso ele foi ganhando visibilidade na cena local de BH. Por um período, se tornou parte do coletivo de RAP DV Tribo e em março de 2014 Djonga lançou sua primeira música, intitulada "Corpo Fechado".

De acordo com Cannavô (2021), apesar de ter iniciado sua carreira em 2014, Djonga só emergiu no cenário do RAP nacional a partir de 2017 com o lançamento de "Olho de tigre" e do seu primeiro álbum solo, "Heresia", também de 2017. Posteriormente lançou mais três álbuns: "O menino que queria ser deus" em 2018; "Ladrão" em 2019, que foi o seu primeiro álbum a receber visibilidade na mídia e "Histórias da minha área" em 2020, também notado na grande mídia. Atualmente com álbuns, singles e participações em outras músicas, o rapper contabiliza mais de 70 músicas desde 2014.

Diante da carreira já estabilizada, Djonga recebeu reconhecimento por meio de diversas premiações de destaque na cena artística (MTV Millennial Awards, Artista do Ano, Troféu da Associação Paulista dos Críticos de Arte) e chama a atenção por suas letras politizadas e reivindicatórias, enfatizando a importância da musicalidade como uma forma de denúncia social. Ele faz da música uma ferramenta de luta e uma estratégia para a descolonização da vida cotidiana, baseada na análise detalhada de problemas sociais como a situação político-moral, dando enfoque na população negra periférica (FERNANDES, 2019).

Djonga é indiscutivelmente uma das vozes mais importantes do RAP Nacional atual. Os ouvintes mensais no Spotify superam a marca de 2 milhões e mais de 3,5 milhões de seguidores em sua conta do Instagram. Além de suas músicas, Djonga demonstra estar plenamente consciente de sua influência. Ou seja, ele não se limita apenas à música, mas

também se posiciona criticamente e mantém um diálogo constante com o público por meio das redes sociais (PEREIRA, 2022).

Fernandes et al. (2019) analisam a discografia do rapper. Segundo os autores, a trajetória musical do cantor segue uma progressão temática bem definida. A princípio ele aborda a realidade dos negros, pobres e residentes das periferias, destacando suas vivências. Em seguida, refletem sobre o papel que Djonga desempenha como voz desses grupos marginalizados. E em seu terceiro trabalho, concentra-se na superação, onde defende que é possível enfrentar as adversidades da vida na favela e alcançar o sucesso. Em suma, suas músicas abordam questões como preconceito, racismo, desigualdade social, resistência e luta contra as dificuldades enfrentadas por aqueles que são negros, pobres e moradores da periferia, ao passo que suas composições valorizam a cultura negra.

Diante do exposto, o material analisado e discutido neste tópico consiste em três músicas dispostas em três álbuns do rapper mineiro Djonga, conforme demonstrado no Quadro 3, observando que nas as letras possuem como abordagem temática suas vivências e experiências na periferia, bem como críticas sociais.

Quadro 3: Temas das músicas de Djonga escolhidas para a pesquisa

Música	Álbum	Ano	Características
Junho de 94	O menino que queria ser deus	2018	Reflexões pessoais, desejo de enfrentar o sistema.
Ladrão	Ladrão	2019	Abordagem introspectiva, crítica social.
Procuro alguém	Histórias da minha área	2020	Reflexões pessoais, lirismo.

Fonte: próprio autor (2023).

“O Menino que queria ser deus” (2018) fala sobre o sofrimento do povo negro e o racismo (CANNAVÔ, 2021). Este é o segundo álbum de Djonga e apresenta ao público o sofrimento que carrega seu povo ao longo da história como também o consumismo atrelado às classes sociais, através de referências aos acontecimentos do racismo e da vida nas favelas. Nesse álbum é apresentada a realidade social das comunidades e as expectativas pessoais do cantor como representante da cultura negra e periférica.

A faixa “junho de 94” pode ser entendida como uma reflexão acerca do crescimento pessoal e as suas aspirações. O título se refere ao mês em que nasceu, e por ter nascido na periferia, preto e pobre, é a partir daí que a sua luta começa, assim como a de milhões de jovens periféricos no Brasil. O refrão "*Porque o menino queria ser Deus*" enfatiza o desejo de

poder, controle e influência, representando sua ambição de causar um impacto significativo no mundo e o desejo de deixar uma marca relevante na sociedade.

Pobre morre ou é preso, nessa idade/ Saudade quando era chinelin no pé/ E quase nada pra te provar, camará/ Minha vó falou que Deus é pai, não é padrasto/ Então ele me pôs de castigo pra pensar/ Fazendo famílias sorrir de norte a sul/ Eu fiz minha família chorar e ficar sem norte (JUNHO de 94, 2018).

Ainda, ela mergulha nas emoções e nos obstáculos enfrentados pelo jovem periférico durante uma jornada em direção à realização dos sonhos. A narrativa da música se desenrola com Djonga compartilhando seus sonhos, objetivos e a grande diferença entre a realidade que almeja e aquilo que enfrenta na periferia. Além de abordar temas antirracistas, a produção empregada representa a sensação de viver com a pressão constante sobre os ombros ou com “a corda no pescoço”.

Chegar aqui de onde eu vim/ É desafiar a lei da gravidade/ [...] Antigamente enfrentar medo era fugir de bala/ Hoje em dia enfrentar medo é andar de avião/ Antigamente eu só queria derrubar o sistema/ Hoje o sistema me paga pra cantar, irmão/ Eu sou daqueles que dá o papo reto e vive torto/ Assim é fácil, né? (JUNHO de 94, 2018).

Djonga relaciona o quanto é difícil viver na periferia com o constante medo de ser morto pelo simples fato de ser negro, entretanto ao mesmo tempo se coloca no papel de inspiração para a juventude negra. Conforme elucidam Fernandes et al. (2019), o cantor construiu uma identidade de resistência através de suas músicas. Ele aborda violência, exclusão e estigmas aos quais os negros são submetidos, mas também explora aspectos como religiosidade, cultura, orgulho e conquistas deste povo.

Esses filha da puta nunca mais vai te atirar (não) / Nunca mais vai te atirar / Eu percebi que tava tudo errado / Quando esqueci que meu primeiro som chama Corpo Fechado / E que se eu pular daqui / Eu deixo vários pai e mãe desamparado / Eu vou descer dessa marquise / Depois de tudo que eu andei seria retrocesso / Não sou o primeiro que falou verdades / Mas um dos únicos que fez sucesso [...] (JUNHO de 94, 2018).

Corraide (2021), em uma análise dos textos de Djonga, interpreta o trecho transcrito como uma apropriação da imagem de vencedor e ídolo, para assim inspirar pessoas que vivem na mesma realidade da periferia que o cantor viveu. Como um homem negro periférico que conseguiu transformar sua vida, Djonga ocupa uma posição em que uma população que se

identifica com sua antiga realidade pode vê-lo como um símbolo de que a mudança é possível mesmo quando o Estado é ausente e impõe obstáculos.

Deixa eu devolver o orgulho do gueto/ E dar outro sentido pra frase tinha que ser preto (JUNHO de 94, 2018).

O artista demonstra um senso de coletividade social, sempre mencionando a compreensão do agrupamento de corpos negros e construindo a noção de positividade e poder. Nesses versos, Djonga passa a mensagem de que sua jornada e status permite a ele contribuir e alterar um meio social tomado por aqueles que não querem ver o corpo de alguém semelhante a ele ocupando esses espaços.

Em “Ladrão” (2019), que fala sobre ancestralidade, negritude, família e origens, de acordo com Cannavô (2021), Djonga resgata conceitos originalmente testados nos primeiros álbuns, com rimas cruas que passeiam pela periferia brasileira e com o intuito de combater o estereótipo de marginal que foi formulado pela sociedade.

Já nas primeiras faixas, pode-se observar críticas ao preconceito enfrentado pelo negro marginalizado, expressadas de forma contundente, além de conter um discurso do cantor sobre a percepção dele e de outros negros como supostos “ladrões” na sociedade. Assim, entende-se que a principal temática explorada ao longo do álbum é o combate ao estereótipo de marginal que foi formulado pela sociedade acerca dos jovens negros (principalmente os que vivem na periferia).

Eu vou roubar o patrimônio do seu pai/ Dar fuga no Chevette e distribuir na favela/
Não vão mais empurrar sujeira pra debaixo do tapete/ E nem pra debaixo da minha goela, eu sou ladrão! (LADRÃO, 2019).

No trecho em questão Djonga se apropria do termo “Ladrão” descrevendo a si mesmo como um. Ele inverte a narrativa que rotula o negro como um criminoso, ao mesmo tempo em que enfatiza a importância de recuperar o que lhe foi tirado e a sentir orgulho de sua herança ancestral.

Para Corraide (2021), a faixa faz alusão a Robin Hood, onde a visão e construção de coletividade ressaltam também outros ideais. Como por exemplo a exaltação da cultura Hip Hop, vista como uma forma de resgatar pessoas de uma possível vida ligada ao crime. Além de uma narrativa em torno das periferias, apresentando esses espaços não apenas como um

lugar diverso e culturalmente rico, mas como algo que vai além da imagem comum na mídia, que muitas vezes os retrata como locais onde só há violência e pobreza.

Os cara faz rap pra boy/ Eu tomo dos boy no ingresso o que era do meu povo/ Todo ouro e toda prata, passa pra cá/ O mais responsável dos mais novo, fé/ Correndo essa maratona, e conforme for/ Uso a mão santa, Maradona (LADRÃO, 2019).

No decorrer da faixa, o rapper se apresenta como anti-herói. O roubo a que ele se refere pode ser entendido como um resgate: da herança, do propósito do Hip Hop e de dinheiro.

Sou lampião desse cangaço/ Seja minha Maria Bonita, bela dona/ Evitando me envolver com fãs/ De onde se tira o pão não se come a carne/ Falar em carne, faço a preta ser a mais cara do mercado (LADRÃO, 2019).

Nesse cenário, observamos uma narrativa que busca recuperar bens e valores que, ao longo da história, foram injustamente retirados da comunidade negra, incluindo a valorização. Conforme Santos (2021), Djonga, ao assumir a perspectiva do ladrão como conceito de seu álbum, se reinventa como um contador de histórias. Ou seja, ele se torna o principal narrador de vivências que são descritas através do amor, violência e as experiências vividas nas periferias do Brasil. O rapper desempenha o papel principal na representação dessas narrativas.

Por fim, “Histórias da minha área”, álbum lançado em 2020, possui faixas com versos marcados pela poesia autocentrada. As canções são pautadas nas conquistas, medos e crises existenciais de Djonga, misturando o passado e o presente, lembrando a infância nas ruas das periferias de Belo Horizonte até as conquistas atuais.

Como o próprio nome sugere, neste álbum o rapper canta sobre sua realidade, apresentando ao ouvinte letras que nos fazem entender que a sua área não é só um lugar físico, mas também é uma situação social, sendo a representação das periferias, abordando temas como desigualdade, violência, pobreza e ademais problemas que existem nas áreas marginalizadas do país. As referências à favela onde nasceu e cresceu se fazem presentes e são colocadas com suavidade em seus versos (FERREIRA, 2021).

“Quando eu conto a história da minha área, acho que conto a história de todas as áreas do Brasil que se parece com de onde eu vim”, afirma Djonga via Instagram. Além disso, em

“Histórias da minha área” ele demonstra também seu lado vulnerável em canções de amor que servem como um contraponto ao tema central.

É o caso de “Procuro Alguém”, oitava faixa do álbum, a qual o rapper dedica a sua filha recém nascida Iolanda, é uma canção de amor, que fala sobre machismo e das dificuldades em criar uma mulher negra no Brasil atual (MONTEIRO, 2023).

Hipocrisia à parte, meu lado realista/ Vou poder a primeira vez ser menos machista/
Na prática, a vontade é te prender e tudo/ Mas pássaro é pro vento, igual você pro mundo (PROCURO ALGUÉM, 2020).

Segundo Monteiro (2023), Djonga carinhosamente apelidou sua filha de Ioiô, que é um símbolo de amor, como retratado no refrão, e pode ser interpretada como ferramenta, sendo Djonga um pai negro, para alcançar um sentido de realização espiritual, individual e comunitário.

Procuro alguém que me faça chorar de novo/ Que me faça lembrar como sou imperfeito/ Um relógio que faça meu tempo parar/ Alguém que não repita nada do que eu tenha feito [...] Ioiô Ioiô Ioiô/ Ioiô/ Sinônimo de amor (PROCURO ALGUÉM, 2020).

Ainda, para o autor, existem muitas questões relacionadas à paternidade negra, principalmente na periferia, como os altos índices de abandono e a violência doméstica, mas, elas podem ser curadas quando esses pais se comprometem a não perpetuar tais experiências nas próximas gerações (MONTEIRO, 2023).

Me faça não ter vergonha de errar/ Me faça entender que o mundo ainda é mais que o meu ego/ Que as meninas que me importam tão dentro do meu lar/ Então me ensina a passar a visão pra eu não criar um menor cego (PROCURO ALGUÉM, 2020).

Assim, “Procuro Alguém” surge como uma canção mais despretensiosa do álbum, entretanto traz uma mensagem igualmente importante, na qual o rapper pondera sobre seu próprio machismo, falando sobre paternidade, agora que tem uma filha.

Diante do exposto infere-se que a trajetória musical de Djonga é diversa em conteúdo e passeia sobre locais de fala e silenciamento, sobre ancestralidade e identidade do povo negro, machismo, paternidade, bem como vivências nas periferias e sobre a importância da sua representação para essa comunidade. Nota-se a preocupação em abordar temas que estão em debate na sociedade atual, sempre remetendo à produção da identidade negra, à exclusão e às propostas de inserção social.

6. O RAP E A PERIFERIA: 20 ANOS DEPOIS

Vinte anos após a morte do rapper Sabotage, que através de suas músicas denunciava o descaso e a violência que prevalecia na periferia brasileira, é possível notar mudanças e avanços nestes locais?

A princípio, é imprescindível entender que os números são importantes no intuito de revelar as carências existentes nesses espaços. Conforme o Censo de 2010, havia 11.425.644 pessoas distribuídas em 6.329 periferias no país. Desses, 30,6% eram brancos e 68,6% eram negros, demonstrando que a favela é majoritariamente negra (ATLAS DAS PERIFERIAS DO BRASIL, 2021).

A vista disso, através de levantamentos de dados, podemos afirmar que as favelas no nosso país cresceram de forma expressiva demograficamente e passaram a movimentar a economia significativamente com o passar dos anos. De acordo com a pesquisa Data Favela 2023, divulgada em março deste ano, se as favelas brasileiras formassem um estado, seria o terceiro maior do Brasil em população, totalizando 17,9 milhões de moradores. Segundo a pesquisa, o número de favelas dobrou na última década, totalizando 13.151 mapeadas pelo país e a renda movimentada pela população dessas comunidades também aumentou, quebrando a barreira dos R\$200 bilhões (ALBUQUERQUE, 2023).

Entretanto, apesar de possuir uma população expressiva, na qual cerca de 5,2 milhões de pessoas são empreendedoras, contribuindo ativamente na economia do país (ALBUQUERQUE, 2023), as comunidades continuam desassistidas em diversos aspectos. Conforme a referida pesquisa do Data Favela, vinculado ao Instituto Locomotiva, 68% dos moradores de favelas brasileiras não possuem acesso adequado a equipamentos e instituições de saúde. A pesquisa abrange ainda a ausência do estado nas favelas, a dificuldade de acesso à saúde e a escassez de informações sobre câncer, onde 7 em cada 10 moradores afirmam que até tentam se cuidar, mas encontram limitações da rede de saúde pública, como falta de médicos e a demora nos processos de realização de exames (LUCENA, 2023).

Dessa forma, neste cenário de falta de acesso adequado à saúde, é importante destacar o momento pandêmico que assolou o país e o mundo em 2020. Morar na periferia

durante o isolamento social se configurou um verdadeiro desafio, em meio ao vírus, aos problemas cotidianos e diante da ausência de ações governamentais.

Bitoun et al. (2020) afirmam que os mais pobres foram os mais atingidos pela Covid-19, isso porque encontraram maior dificuldade para cumprir o isolamento social. Segundo os autores, a força da Covid-19 nas periferias pode ser relacionada com: desemprego, condições de trabalho, educação, condições de habitação, saneamento básico e serviços de saúde. Já a pesquisa do Data Favela mostra que sete em cada dez famílias viram sua renda familiar cair durante esse período e 72% das mães da periferia disseram que, com a pandemia de Covid-19, seria possível faltar comida em casa (PERES, 2020).

A periferia é a empregada doméstica, o porteiro, o motorista de app, o entregador, o trabalhador informal que precisa estar no ônibus e no metrô vendendo seus produtos para levar renda pra dentro de casa ou o comerciante local que não pode suspender suas atividades”, antecipam-se, na carta. “O quanto nossos patrões estão dispostos a seguir os passos que a humanidade pede e permitir que cada um destes profissionais pratique o isolamento e mesmo assim pagar seus salários? (SILVA, 2022).

Portanto, pode-se afirmar que a desigualdade nas periferias em relação ao centro continua sendo um dos principais problemas. Em pesquisa denominada “Injustiças estruturais entre jovens na cidade de São Paulo”, divulgada em junho deste ano, observa-se uma série de barreiras para os jovens das periferias, em sua maioria negros. Realizado pela Juventudes Potentes em parceria com a Rede Conhecimento Social, o estudo entrevistou 600 jovens entre 15 e 29 anos das zonas Sul e Leste da capital de São Paulo, sendo 24% com autodeclaração de cor preta e 47% de cor parda. Os resultados apontam o seguinte: 38% já foram prejudicados no mercado de trabalho por causa da cor da pele, 84% vivem em áreas com infraestrutura urbana, mas que sofrem com falta de água, luz, alagamentos, etc., 42% demoram mais de 1 hora de viagem para chegar ao centro da cidade, 60% já se sentiram prejudicados pelo tempo gasto no transporte, 68% já ficaram sem dinheiro para a passagem, 21% abandonaram a escola com dificuldades de conciliar estudos, trabalho e outras responsabilidades e 44% já pensaram em deixar os estudos, mas 78% pretendem continuar pois veem a educação como oportunidade de crescimento (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2023).

Essa realidade Sabotage expressava por meio da música “Um bom lugar” no ano de 2000:

Sobreviver no inferno/ A obsessão é alternativa/ Eu quero o lado certo/ Brooklyn,
Sul, paz eu quero, prospero/ Eu vejo um fim pro abandono/ Xexeu rolando, ninguém

aqui nasceu com dono/ Mas por enquanto, ainda tem muita mãe chorando/ Alguns parando, trampando ou se recuperando (UM BOM LUGAR, 2000).

Ainda sobre desigualdade, mulheres que moram na periferia têm maior jornada semanal de trabalho e menor rendimento médio mensal. De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do DF (IPEDF) em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) em 2022, 1 milhão e 264 mil mulheres negras compunham a população de 14 anos e mais da Área Metropolitana de Brasília, constituída pelo DF e 12 municípios goianos. Elas representavam 35,9% das pessoas mobilizáveis para o mercado de trabalho na região. A maioria (68,4%) dessas mulheres moravam no DF, enquanto 31,6% residiam na periferia de Brasília. Em relação à inserção no mercado de trabalho, o Boletim revelou que as mulheres negras, em todos os recortes territoriais, estão na menor posição no grupo de pessoas ocupadas e na maior no grupo de desempregados (FEIFEL, 2023).

São tempos difíceis, pessoas artificiais/ Pra ir ao luxo, anos, pra voltar ao lixo, meses/ Sei que cê quente pois toda mulher nasce de outra mulher/ Por isso são fortes duas vezes (PROCURO ALGUÉM, 2020)

Um outro aspecto a ser considerado e analisado diz respeito à segurança na periferia brasileira. Sabe-se que áreas de periferias urbanas continuam sendo dominadas por organizações criminosas, a guerra de facções e os supostos confrontos entre criminosos e policiais continuam gerando dezenas de mortos nos estados do Brasil.

O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, em 09 de agosto de 2023, lançou uma recomendação sobre a violência nas comunidades pobres e majoritariamente negras no Brasil, que diz:

Nos últimos dias, sucessivos episódios de violência se abateram sobre comunidades pobres e majoritariamente negras no Brasil. Ações policiais violentas em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia deixaram pelo menos 45 pessoas mortas. Na madrugada desta segunda-feira, o adolescente Thiago Menezes Flausino também morreu baleado na Cidade de Deus, durante uma intervenção policial. Embora o uso da força, em circunstâncias autorizadas por lei, seja ínsito à atuação das forças policiais, o número de mortes, bem como a falta de informações sobre suas efetivas circunstâncias são inaceitáveis para qualquer sociedade democrática” (CONANDA, 2023).

Entende-se que apesar do fomento a projetos de prevenção à violência terem ocorrido no decorrer dos anos, a situação da violência e da insegurança no Brasil continua crítica. A

comunidade periférica ainda convive com altas taxas de homicídio, além da contínua e crescente interiorização da criminalidade. Sabotage já falava sobre o assunto no ano de 2000:

A casa cai sempre maldade já se tem no pente o pá/ Vo pêlos becos se pá desapareço/ Pois eu já sei qual é dos tiras/ Entraram numas revista, até mulher/ Tá pro que der e vier no extremo/ Qualquer um é o suspeito não tem dó e nem respeito/ Negocia a qualquer dinheiro (RESPEITO É PRA QUEM TEM, 2000).

Em 2018, a situação sobre a temática não sofreu grandes mudanças, pois Djonga cantava os versos:

Chegar aqui de onde eu vim/ É desafiar a lei da gravidade/ Pobre morre ou é preso, nessa idade (JUNHO DE 94, 2018).

Sabe-se que a questão da violência no Brasil é tema permanente no debate público há pelo menos três décadas, sendo um problema denunciado pelo RAP desde então.

No que diz respeito ao consumo e tráfico de drogas, o combate a seu uso não atinge a juventude de forma homogênea. No nosso no país atualmente, os jovens negros periféricos têm mais chance de serem assassinados do que os jovens não negros. A cada cem pessoas que sofrem homicídio, 71 delas são negras (CERQUEIRA et al., 2017). Assim como no caso dos homicídios, as pessoas negras da periferia são impactadas em proporção maior do que o restante da população também em outros aspectos como as taxas de encarceramento, a violência e desigualdade (TELLES; AROUCA; SANTIAGO, 2018).

Dados atuais mostram que, no decorrer dos anos, reformas nas políticas de drogas não têm dado conta de toda uma conjuntura de desigualdades e violências de natureza social e racial relacionadas à guerra às drogas. Os levantamentos divulgados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que, em vez de melhorar, essa situação tem se agravado: na última década, a taxa de homicídios da população negra aumentou 18%, recaindo sobre jovens negros da periferia (CERQUEIRA et al., 2017).

Em 2000, Sabotage lançava os versos que diziam:

Muitos que estão com pensamento ao contrário (só só)/ Quem não se aposentou só se está preso ou é finado/ Alguns pedindo nos faróis desnorteados/ Tem química na fita, contamina os brasileiros/ Criança de seis anos com um cigarro nos dedos/ Só no descabelo como disse o sem cabelo/ Eu creio (é)/ Que o poder quer atitude e respeito/ Mas observe os pretos sendo tirados no Brasil inteiro/ Então prefiro sim um fininho ao que me diz/ Do que a pedra no cachimbo e o pó no nariz/ Afinal é tipo

assim, pretendo usufruir/ Já vi vários lutarem contra o vício e conseguir (COCAÍNA, 2000).

Em 2018, nota-se que a situação do jovem na periferia segue difícil, conforme a letra de Djonga:

Pobre morre ou é preso, nessa idade/ Saudade quando era chinelin no pé/ E quase nada pra te provar, camará/ Minha vó falou que Deus é pai, não é padrasto/ Então ele me pôs de castigo pra pensar/ Fazendo famílias sorrir de norte a sul/ Eu fiz minha família chorar e ficar sem norte (JUNHO de 94, 2018).

Em pesquisa lançada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), foram analisados casos de 5,1 mil réus por tráfico de drogas em tribunais de justiça estaduais no primeiro semestre de 2019. O estudo foi financiado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Os dados preliminares mostram que a população negra, jovem e pobre é alvo particular do sistema prisional, corroborando com as letras de inúmeras composições de RAP.

Diante dos dados apresentados, conclui-se que a situação das periferias brasileiras, 20 anos depois do rapper Sabotage, segue complicada, no qual tudo relacionado a elas é de cunho execrado, levantando uma visão errônea do cotidiano dessa população que ainda sofre desassistida. Mas, e quanto ao RAP? o que mudou em 20 anos?

Neste contexto, vinte anos após a morte de Sabotage, podemos afirmar que o cenário do RAP no Brasil passou por diversas transformações, tanto em termos de popularidade, como financeiramente e nas letras de suas músicas. O RAP brasileiro cresceu em popularidade, novos artistas e grupos surgiram, ganhando reconhecimento tanto nacional quanto internacional. Shows de RAP passaram a atrair multidões e festivais dedicados ao gênero se tornaram mais comuns. O público do RAP também diversificou-se, atraindo não apenas os moradores das periferias, mas também jovens de diversas origens sociais.

Atribui-se este acontecimento à tecnologia e a internet, as quais fizeram com que artistas de RAP ultrapassassem os limites da periferia e se espalhassem por outros contextos e realidades. Com o aumento da popularidade, muitos artistas de RAP conseguiram melhorar suas condições financeiras. A venda de álbuns físicos pode não ser tão relevante quanto antes, devido ao crescimento das plataformas de streaming, mas artistas agora têm a oportunidade de gerar renda através de shows, merchandising, parcerias e publicidade. Isso permitiu que muitos rappers saíssem das condições precárias que eram comuns no início do movimento.

No ano de 2015, foi o gênero musical mais ouvido no mundo segundo o “mapa-mundi musical” publicado pelo serviço de música Spotify (CASANOVA, 2017).

Existe um comércio sim, só que não é só a música, certo? Você tem que ter outras coisas para oferecer às pessoas. É som e imagem. Então já não é mais o fonográfico, já é um monte de coisa, já é uma calda longa. É a música mais a imagem, mais a roupa, mais a pessoa, mais o posicionamento dela. É um monte de coisa. Já foi a época em que você vendia o CD e bastava. Hoje não basta mais. É muito pouco. Precisa de um monte de coisa. É um trabalho mesmo (MANO BROWN/REVISTA CULT, 2014).

Considerando que o RAP possui um histórico de denúncia, de relatar as insatisfações da comunidade e de defesa das minorias, tem-se que as redes sociais deram voz a quem antes não era ouvido.

A tecnologia foi fundamental para o RAP, pois fez com que outras pessoas conhecessem a cena underground e as batalhas de freestyle. Antes da internet, muita gente que podia ter se identificado com elas não teve a chance de conhecê-las||, acredita Slim Rimografia. —Com os vídeos no YouTube e a nossa presença nas redes sociais, o RAP ganhou outras pessoas para ouvir. Elas perceberam que existem várias formas de rimar e deixaram de olhar só para a cena do Racionais e da 105 FM||. (CASTANHO, GHIROTTI, MASSUELA, 2014.)

Assim, notamos que as letras das músicas de RAP continuam a ser um veículo poderoso para expressar as realidades e desafios enfrentados nas periferias do Brasil. No entanto, houve uma diversificação nos temas abordados. Além das questões sociais como racismo, violência e desigualdade, muitos artistas também passaram a falar sobre suas experiências pessoais, sentimentos e reflexões sobre a vida. Dessa forma, entende-se que o RAP em si não perdeu sua veia crítica, ainda é possível ouvir vozes que ainda apontam as desigualdades sociais, o preconceito e o racismo, mas também é preciso considerar que o RAP segue em transformação assim como o mundo.

O papel do rapper, além do entretenimento, é fazer um discurso com uma linguagem acessível para informar [...]. Os rappers têm como tarefa transmitir suas mensagens para um público mais amplo. Querem constituir-se numa alternativa de informação e conhecimento [...]. (TELLA, 1999, p. 63).

O RAP também se tornou mais diversificado em termos de estilos, abrangendo desde o RAP mais político e consciente até o RAP mais festivo e descontraído. Ou seja, mesmo após ter obtido maior visibilidade e diversificação, é impossível esquecer e ignorar que seus princípios são de luta e resistência. Infelizmente, apesar do progresso em muitos aspectos, a luta contra o racismo, a violência e o descaso nas periferias continuam a ser uma realidade para muitos brasileiros, bem como as letras de RAP continuam sendo uma ferramenta importante de denúncia e conscientização sobre tais questões, onde muitos artistas

continuam a usar suas músicas para chamar a atenção para as injustiças sociais e para exigir mudanças.

Ainda, desempenha um papel fundamental na conscientização política e no ativismo. A maioria dos rappers está envolvida em campanhas e movimentos sociais que buscam combater o racismo estrutural, a violência policial e a falta de investimento nas periferias. O RAP é uma forma de amplificar as vozes das comunidades marginalizadas e pressionar por mudanças.

Em resumo, o RAP brasileiro continuou a crescer e evoluir após a morte de Sabotage, tornando-se mais popular e diversificado em termos de estilo e conteúdo, mas, pode-se afirmar que o cantor deixou marcas positivas para as gerações que vieram depois dele. Muitas das questões sociais que Sabotage denunciava em suas músicas ainda persistem, o que torna o RAP uma ferramenta importante na luta por justiça social e igualdade nas periferias do Brasil

A vista disso, ao compararmos as obras de Sabotage e Djonga no presente trabalho, evidenciamos que o RAP possui uma trajetória de responsabilidade social, sendo um meio de expressão e comunicação fundamental para diversas vozes. Desta maneira, mesmo em épocas diferentes, todo o relato do povo periférico dentro do RAP representa mais do que uma perspectiva sobre o que essas pessoas vivem, também expressa o retrato da sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, tanto Sabotage quanto Djonga utilizaram sua arte para dar voz a questões sociais e raciais que afetam profundamente as periferias. As letras de Sabotage, no início dos anos 2000, destacavam a violência, a desigualdade, o racismo e a falta de oportunidades. Djonga, nas duas últimas décadas, continuou essa tradição, abordando temas como a brutalidade policial, o preconceito racial e a falta de acesso à educação e saúde.

A continuidade desses temas em suas letras sugere que o Brasil ainda enfrenta desafios significativos em termos de desigualdade e discriminação racial. Embora tenham conseguido avanços na conscientização e no ativismo em prol da igualdade, as raízes profundas dessas questões ainda persistem. A importância da música como forma de expressão e conscientização se torna evidente ao perceber que artistas de diferentes gerações continuam a abordar esses problemas de maneira impactante.

Este TCC também destaca a capacidade da música e da cultura hip-hop em servir como uma ferramenta poderosa para a mobilização social e a mudança. Tanto Sabotagem quanto Djonga desempenham papéis importantes nesse sentido, inspirando jovens a se envolverem na luta por justiça social e racial.

Na última análise, o legado de Sabotage e Djonga não é apenas musical, mas também social e político. Suas letras continuam a ressoar com um público que, mesmo após duas décadas, ainda lidam com os mesmos problemas estruturais. Isso destaca a necessidade contínua de conscientização e ação para abordar as mazelas sociais e raciais nas periferias do Brasil. Como pesquisadores, acadêmicos e defensores dos direitos humanos, é importante continuar analisando e promovendo as mensagens poderosas contidas na música desses artistas para contribuir para um futuro mais justo e igualitário.

8. REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Sol Nascente**: Censo 2022 em uma das maiores favelas do país. [S. l.], 24 jan. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35253-sol-nascente-censo-2022-em-uma-das-maiores-favelas-do-pais>. Acesso em: 5 set. 2023.
- AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Dia Nacional da Habitação**: Brasil tem 11,4 milhões de pessoas vivendo em favelas. Atualizado em 2019. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/15700-dados-do-censo-2010-mostram-11-4-milhoes-de-pessoas-vivendo-em-favelas>
- ALBURQUERQUE, Flávia. **Favela cresce demograficamente e movimenta mais de R\$ 200 bilhões**. [S. l.], 17 mar. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/favela-cresce-demograficamente-e-movimenta-mais-de-r-200-bilhoes> . Acesso em: 5 out. 2023.
- ALFONSI, Betania; BERNI, Paulo Eduardo; PEREIRA, Pedro. **O paradoxo da COVID-19 nas periferias**: a retomada da cultura associativa como forma de resistência à necropolítica. Observatorio das Metrópolis, Porto Alegre, 2020.
- ATLAS DAS PERIFERIAS NO BRASIL : aspectos raciais de infraestrutura nos aglomerados subnormais / Fernanda Lira Goes ... [et al.]. – Rio de Janeiro: Ipea: 2021.
- BENTES, Anna Christina. **“Um bom lugar”**: a arte verbal nos videocliques do rap paulista. Revista do GELNE, v. 4, n. 1, p. 1-6, 2002.
- BERTELLI, Giordano Barbin. Errâncias racionais: a periferia, o RAP e a política. **Sociologias**, v. 14, p. 214-237, 2012.
- BITOUN, Jan et al. Novo coronavírus, velhas desigualdades: distribuição dos casos, óbitos e letalidade por SRAG decorrentes da Covid-19 na cidade do Recife. Confins. **Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 48, 2020.
- BONDUKI, Nabil Georges. Origens da habitação social no Brasil. **Análise social**, p. 711-732, 1994.
- CANNAVÔ, Vinícius Barbosa. **Pedagogias do Rap e a narrativa insurgente**: uma análise a partir das composições musicais do rapper Djonga. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 168 f. 2021.
- CASANOVA, Janaína Oldani. Estética do rap brasileiro: propostas para análise do tensionamento do gênero. In: **I Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo** (2017). 2017.
- CASTANHO, Bianca; GHIROTTI, Edoardo; Amanda MASSUELA. **Muita Treta pra Vinicius de Moraes** – A ascensão da nova classe rap. São Paulo, 2014. Disponível: <http://www.muitatretavm.com.br/index.html> . Acesso em: 05 de Out. 2023.
- CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf . Acesso em: 05 Out. 2023.

COCAÍNA. Sabotage, 2000. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sabotage/135120/> . Acesso em: 10 out. 2023.

CONANDA. **Recomendação 3733755** - 09/08/2023. RECOMENDAÇÃO DO CONANDA SOBRE A VIOLÊNCIA NAS COMUNIDADES POBRES E MAJORITARIAMENTE NEGRAS NO BRASIL, [S. l.], 9 ago. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/agosto/apos-casos-de-violencia-policial-em-sp-rj-e-ba-conselho-ligado-ao-mdhc-propoe-programa-nacional-para-combater-letalidade-policial-e-classifica-situacao-de-201ccalamitosa-e-inaceitavel201d/SEI_MDHC3733755Recomendao.pdf . Acesso em: 5 out. 2023.

CORRAIDE, Marco Túlio. Exposição da necropolítica do Estado Brasileiro pelo HIP HOP: Uma análise dos textos de Djonga e Mbembe. Confluências | **Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 23, n. 1, p. 93-108, 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano**. Ática, 1989.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, p. 19-36, 2020.

DE ANDRADE, Elaine Nunes. **Rap e educação, rap é educação**. Selo Negro, 1999.

DE FREITAS, Marcos Cezar; DE MECENA, Elizane Henrique. Vulnerabilidades de crianças que nascem e crescem em periferias metropolitanas: notícias do Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais**, Niñez y Juventud, v. 10, n. 1, p. 195-203, 2012.

DE SOUZA, Gabriel Delphino Fernandes; DA SILVA, Thiago Campos. O RAP em movimento: formas da periferia pensar a política. **44º Encontro Anual da ANPOCS**, SPG 05 - Arte e Política: Disputas, Práticas e Deslocamentos. 2020.

DE SOUZA, Sidnei Rodrigues. **Cultura hip hop e lei 10.639/03**: O rap como ferramenta pedagógica nos componentes curriculares da disciplina de História. 2021.

DORNELAS, Luana. **A trajetória de Djonga**. dez/2017. Portal Redbull. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/a-trajetoria-de-djonga> . Acesso em: 26 set. 2023.

FEIFEL, Bianca. Mulheres negras enfrentam camadas de desigualdades no DF e Entorno, revela boletim do IPEDF. **Brasil de Fato**, [S. l.], p. 1, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://www.brasildfatodf.com.br/2023/07/25/mulheres-negras-enfrentam-camadas-de-desigualdades-no-df-e-entorno-revela-boletim-do-ipedf> . Acesso em: 6 out. 2023.

FERNANDES, Rhuann. O rap nacional e o caso Djonga: por uma sociologia das ausências e das emergências. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 3, 2019.

FERNANDES, Gilson et al. O rap como ferramenta de resistência: A influência da musicalidade de Djonga para a construção de sentido da luta negra no País. In: **Anais do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. 2019. p. 3-5.

FERREIRA, Ivan. **Sabotage**: Maestro Do Canção online no Globoplay. Direção: Ivan Ferreira. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: Globo Play.

FERREIRA, Rogério Leão. **Riscando Fósforo: Decolonialidade e Hip Hop na produção artística de Djonga**. Dissertação (Mestrado) – UFMS, Aquidauana, 185 p. 2021.

GUEDES, Seltom Wesley Almeida. **Rap como discurso político de resistência**. Trabalho de conclusão de curso. Serviço Social. UFAL. 2020. Disponível em <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/7011>

IASCHINSKI, Maria José. O RAP como aula de história não contada do Brasil. Sequência didática, FLH 0421 – **Ensino de História: Teoria e Prática** (2021), USP <https://lemad.fflch.usp.br/node/5844>

JESUS, Likem Edson Silva de. PERIFERIA, UM TERMO CRÍTICO: DISTANCIAMENTOS ESPACIAIS, SOCIAIS E SIMBÓLICOS NAS CIDADES. **Movimentos sociais e dinâmicas espaciais**, Recife, 28 jun. 2021.

JUNHO DE 94. In: **O menino que queria ser Deus**. São Paulo: Ceia Ent, 2018. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/djonga/junho-de-1994/>. Acesso em 07 de Out. 2023.

LADRÃO. In: **Ladrão**. São Paulo: Ceia Ent, 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/djonga/ladrao/#album:ladrao-2019> . Acesso em 07 de Out. 2023.

LUCENA, Vinicius. **Sete em cada dez moradores de favelas não têm acesso adequado à saúde, aponta pesquisa**. [S. l.], 10 maio 2023. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/sete-em-cada-dez-moradores-de-favelas-nao-tem-acesso-adequado-a-saude/269899/> . Acesso em: 5 out. 2023.

MATOS, Ralfo. Periferias de grandes cidades e movimentos populacionais. **Cadernos MetrÓpole**, n. 13, p. 71-105, 2005.

MONTEIRO, Pedro Diogo Carvalho. O duplo trauma / resistência do/ao sistema escravagista e suas permanências: reflexões a partir da perspectiva da jovem Bree Mathews em Legendborn. **Repertórios da resistência: arte, justiça e os horizontes da luta negra**, p. 108, 2023.

NASCIMENTO, Jorge Luiz do. Da ponte pra cá: Os territórios minados dos Racionais MC's. REEL - **Revista Eletrônica de Estudos Literários**, [s. l.], 2006.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Periferia com o poder da palavra: a poética dos rappers brasileiros**. Tese (Doutorado em História) – UFU, Uberlândia, 2016, pp. 17, 104, 329.

PASTERNAK, Suzana. **Espaço e População nas Favelas de São Paulo**. São Paulo, USP/FAU. 2002.

PEREIRA, Laura Gonçalves. **Direito e Rap: a desigualdade racial pela voz de Djonga**. 57 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito), Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2022

PERIFERIA. In: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Melhoramentos. 2014. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/periferia/>. Acesso em 30 mai 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **9 a cada 10 jovens de periferias veem desigualdades históricas barrarem futuro melhor**. Segundo pesquisa, racismo, escolaridade e território influenciam no acesso de jovens a oportunidades de trabalho, [S. l.], p. 1, 21 jun. 2023. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/juventudetrabalho062023/> . Acesso em: 5 out. 2023.

PERES, Ana Cláudia. Favelas contra o vírus: como as periferias vêm lidando com a pandemia de covid-

19, em meio aos problemas cotidianos e diante da ausência de ações governamentais. **RADIS: Comunicação e Saúde**, n.212, p.20-25, 2020.

PROCURO ALGUÉM. In: **Histórias da minha área**. São Paulo: Ceia Ent, 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/djonga/procuro-alguem/> . Acesso em 07 de Out. 2023.

RESPEITO É PRA QUEM TEM. Sabotage, 2000. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sabotage/75122/> . Acesso em: 10 out. 2023.

REVISTA CULT. “Mano Brown: Eu questiono porque não basta ser”. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mano-brown-entrevista/> Acesso em: 08 Out. 2023

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise**. Cadernos IPPUR, [S. l.], p. 15-27, 10 ago. 1999.

SANTOS, Daniela Vieira dos. Apresentação do dossiê. In: SANTOS, Daniela Vieira dos (Org) **Dossiê Rap: protagonismo musical periférico**. Música Popular em Revista, UNICAMP: Vol [v. 1 \(5\)](#), 2017

SANTOS, Solange Stéfane. **O Novo Evangelho de Djonga: secularização do corpo negro no mundo do rap**. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

SANTOS, Tainá Cristina Evangellista dos. **O rap e o slam como poéticas de protesto contemporâneas afro-brasileiras**. 2021. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

SILVA, Renato. #CoronaNasPeriferias: coalizão periférica organizada para informar sobre pandemia. In: SILVA, Renato. **Favela em Pauta**. [S. l.], 6 out. 2022. Disponível em: <https://favelaempauta.com/coalizao-coronanasperiferias/> . Acesso em: 6 out. 2023.

SILVA, Vinícius Gonçalves Bento da; SOARES, Cássia Baldini. As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, p. 975-985, 2004.

TELLA, Marco Aurélio Paz. Rap, Memória e Identidade. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). **RAP e educação**. RAP é educação. São Paulo: Selo Negro, 1999, p. 55-63

TELLES, Ana Clara; AROUCA, Luna; SANTIAGO, Raull. Do #vidasnasfavelasimportam ao #nóspornós: a juventude periférica no centro do debate sobre política de drogas. **Boletim de Análise Político-Institucional**, IPEA, n 18, Dezembro 2018

TEPERMAN, Ricardo Indig. O rap radical e a “nova classe média”. **Psicologia USP**, I vol. 26, I número 1, p. 37-42, 2015

UM BOM LUGAR. Sabotage, 2000. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sabotage/65059/> . Acesso em: 10 out. 2023.